

Mariangela Santana Guimarães Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

A finalidade desse estudo é analisar como se configura a relação memória e História oral, bem como a contribuição desta para a preservação da História das comunidades sociais urbanas, uma vez que esse campo vem sendo percebido como espaço de representações das relações sociais mais humanizadas. Esse modo de compreender a História rompe com a perspectiva singular dos fatos e valorizam formas que ressaltam as pluralidades, expressas nos modos de vidas diferenciadas, nas ações do cotidiano de sujeitos anônimos, e em outras formas de convivência desenvolvidas pelo homem e que problematizam aspectos que afetam, sobremaneira, o mundo contemporâneo. Para tanto, utilizou-se de reflexões produzidas por teóricos que pesquisam essa temática, a exemplo: Portelli (1997), Polack (1992), Nora (1993), Halbwachs (1945), Delgado (2006), Miranda (2010), Coutinho (2005) dentre outros autores. Ao procurar recuperar a memória social produzida sobre uma experiência coletiva, busca-se compreender como acontecimentos vividos por determinadas comunidades urbanas são representados por diferentes sujeitos. Nessa dialética, ressalta-se a contribuição da História oral, considerando-a como campo de salvaguarda do patrimônio sócio-histórico de um lugar, sejam os espaços, objetos, monumentos, ruas, praças, pessoas. Normalmente, esses aspectos compõem o mosaico dos lugares de memória e, precisam ser preservados para a comunicação e continuação da história, representando simbolicamente ou materialmente o sentido da tradição, dos costumes de um povo. Esses lugares nascem e instituem-se a partir do sentimento que não existe na memória espontânea, é necessário que sejam criados mecanismos para a sua efetivação. São muitas as manifestações que constituem signos reveladores das reminiscências do lugar, podem ser apresentadas para os jovens e para quem não a conhece, assim a História da cidade será mantida viva na memória de todos. A integração entre memória e História faz essa última reconhecer a indispensabilidade das lembranças. A atenção por este campo temático justifica-se, ainda, pela necessidade de explorar, na História oral, aspecto do patrimônio cultural e da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. História Oral. Cultura

---

<sup>1</sup> Profa. Universidade Estadual do Maranhão-UEMA -Brasil. Estudante do curso de Pós-graduação - Doutorado em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Brasil.

## **ABSTRACT**

The purpose of this study is to analyze the configuration of the relationship memory and oral history, and the contribution of this to preserve the history of urban social communities, since this field has been perceived as space representations of the humanized social relations. This the purpose of this study is to analyze the configuration of the relationship memory and oral history, and the contribution of this to preserve the history of urban social communities, since this field has been perceived as space representations of the humanized social relations. Thisway of understanding the history breaks with the unique perspective of facts and values forms that highlight pluralities, expressed in different ways of life in the everyday actions of anonymous subjects, and other forms of cohabitation developed by man and that question aspects affect, greatly, the contemporary world. Therefore, we used reflections produced by theoretical researching this topic, example: Portelli (1997), Polack (1992), Nora (1993), Halbwachs (1945), Delgado (2006), Miranda (2010), Coutinho (2005) among other authors. To seek to recover the produced social memory of a collective experience, we seek to understand how events experienced by certain urban communities are represented by different subjects. In this dialectic, it emphasizes the contribution of oral history, considering it as a safeguard Field socio-historical heritage of a place, are the spaces, objects, monuments, streets, squares, people. Typically, these aspects make up the mosaic of places of memory and need to be preserved for communication and continuation of the story, representing symbolically or materially the sense of tradition, customs of a people. These places are born and it is establishing from the feeling that there is no spontaneous memory, it is necessary that mechanisms are created to its effectiveness. There are many events that are telltale signs of reminiscences of the place can be displayed for the young and for those who do not know, so the city's history will be kept alive in everyone's memory. The integration between memory and history is the latter recognize the indispensability of memories. The attention for this subject field is justified also by the need to explore in oral history, an aspect of cultural heritage and the city.

**KEYWORDS:** memory. oral history. culture.

## **1 HISTÓRIA E MEMÓRIAS: Trilhando caminhos**

Patrimônio, cidade e lugares de memória remete a ideia de espaços, objetos, pessoas, monumentos, entre outros elementos os quais caracterizam a cultura material e imaterial. São aspectos que compõem o mosaico dos lugares de memória e que precisa ser preservado para a continuação da história de um lugar.

Espaços de memória representam simbolicamente, ou materialmente um sentido na vida humana, representa vivência das pessoas que ali viveram ou ainda vivem. A sociedade necessita desses espaços como instrumentos permanentes no exercício da memória. Porém, diante do contexto atual com a modernidade, o progresso rompe com esse exercício dinâmico da memória. Esses lugares nascem e vivem a partir do sentimento que não existe memória espontânea, é necessário que seja criado mecanismo para a efetivação da memória. Pois são espaços que servem de referências para a continuidade da história das pessoas que ali viveram ou vivem. De acordo com Pierre Nora (1993: p. 109):

*A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momentos de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação.*

Em muitas situações os lugares de memória, são pedaços da história particular de um grupo ou de indivíduo, são dilaceradas por questões políticas, econômicas que abafa a história. A exemplo do processo de mundialização, da democracia e da massificação. Que gerou um desmoronamento de nossa memória (NORA, 1993).

Por ter essa relevância na construção da identidade a memória, assume uma posição dialética nessa construção se eterniza no concreto na imagem, no gesto, pois é vista como um absoluto, e se alimenta de lembranças. A história como bem coloca Nora (1993), só conhece o relativo, pertence a todos e a ninguém a história liberta. Essa dualidade entre a memória e história faz da própria história reconhecer a memória como história.

A memória no patrimônio tem uma função relevante, pois ela oferece significado no espaço julgado sem valor, como costumamos a ver prédios sendo demolidos, praças, modificadas descaracterizadas, ruas sendo coberta pelo manto negro (asfalto), quando todos esses espaços foi para alguém motivações para se desenvolverem, como pessoas, profissionais

e cidadãos. Essa preocupação em manter a memória é uma possibilidade de dá sentido e significado para a história.

O respeito pelo os espaços de memória vem fortalecer a identidade local, privilegiando aquilo que em um dado momento da história teve a sua grande importância, a manutenção do patrimônio deve ser uma ação educativa que servirá para as gerações futuras. Os valores e os significados darão as futuras gerações um sentimento de pertencimento ainda que através dos “velhos”, digo os que por ali passaram e deixaram suas marcas suas memórias, quer seja na perspectiva individual ou coletiva. Michel Pollack (1992: p. 5), corrobora com essa discussão, ao dizer:

Nessa construção de identidade [...] há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter Fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados.

A dialética desse processo dinâmico ecoa na medida que a história apresenta uma relação entre o passado e presente, se não é exercida essa dinâmica, a identidade não encontrará forças para representar o grupo. O que perde um pouco da sua história, construída muitas vezes a partir de lutas e experiências impar resultando em identidades fragmentadas encontrando-se vulnerável a qualquer dito e proposta sobre a história de seu grupo de seu povo.

## **2 MEMÓRIA E HISTÓRIA: contributos da história oral**

É mister dizer, que a história oral no Brasil acompanhou os rumos internacionais, os estudos com fontes orais tiveram grande salto a partir dos anos 60, com o advento da era tecnológica, o que possibilitou os depoimentos orais. Porém, somente em 1975 com a implantação do laboratório de História Oral, na Universidade Federal de Santa Catarina, CPDOC/FGV, UEL, Associação Brasileira de História Oral- ABHO, Revista História Oral, NEHO- Núcleo de Estudos. Torna-se amplamente reconhecida no Brasil, em especial por pesquisadores e estudiosos na área.

A história oral surgiu com as novas concepções historiográficas entre os anos 50-70, relacionada a história de baixo, que valorizava o indivíduo. Ou seja, voltado para a nova

linha de estudos culturais, a qual não mais se utilizava de estudos estritamente quantitativos, mas sim aceitando novos objetos, metodologias e fontes. Para Nora (1993), a memória tradicional, não tem mais espaço, com a contemporaneidade deu-se espaço para a história crítica, lembrando que a memória e os instrumentos de analisá-las mudaram, tendo em vista, que a sociedade está mais dinâmica e mais rápida e rompe com muitas barreiras que impede o processo interdisciplinar.

Diante do mundo acelerado por conta também da globalização, importante dizer que não se anula o modo de percepção histórica do sujeito. Mas sim, coloca o sujeito como protagonista desse processo, pois a ele cabe a tarefa de dá sentido a história a cultura do povo. Na dinâmica em que é posta a ação, o sujeito muitas vezes deixa escapar a criatividade pela história e memória, que deixam de contribuir para a manutenção da vida, que é história e pode ser contínua a partir da memória.

Desse modo, considera-se a história oral como um canal para uma visão mais humanizada, pois são consideradas nesse modo de penetrá-la a proposta da micro-história, a qual evidencia os pressupostos da história social trazendo a baila as discussões de baixo para cima. A história oral encontrou seu lugar, pois não se configura mais contra as críticas feitas a ela. Mas se posiciona no campo da pesquisa e da produção histórica considerando o macro, o micro, o social o político o individual voltada para uma prática historiográfica atual.

Porém, importante enfatizar que ao desenvolver esse processo, alguns aspectos são necessários ressaltar para Portelli (1997), a história oral é encarada como instrumento para fornecer informações sobre o passado, o que lhe interessa é a subjetividade dos narrados. Portanto ainda de acordo com Portelli, o respeito pelo valor e a importância que cada indivíduo tem se configura como uma das principais lições de ética sobre a pesquisa na História Oral. Onde cada indivíduo é em potencial um arcabouço de informação, e deve ser visto como únicos nas suas narrativas.

Sobretudo, por se considerar as fontes orais uma das mais antigas maneiras de produzir história, para Garrido (1992), a História Oral, desenvolveu-se em situações e lugares em que a tradição de trabalho de campo da história subsistia, a exemplo da história política, história agrária, história local. Firmando-se numa proposta plural de fazer história. Alberti (1989: p. 52), ratifica ao falar:

*[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam*

*acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc.*

Porém, para desenvolvê-la alguns cuidados são necessários uma vez que vamos lidar com subjetividades, na qual são as memórias individuais é o agente ativo da história, cabendo então ao pesquisador à responsabilidade de saber conduzir esse processo de forma ética. Segundo Portelli (1996). O paradoxo da história oral e das memórias, incide na natureza da fonte - pessoas não objetos, documentos, nesse aspecto são histórias de vida que o entrevistado apresenta como sua história com suas particularidades e a motivação para contar consiste no interesse em expressar o significado da experiência, o que para ele tem uma importância ímpar, pois está narrando a sua história e as subjetividades contida, sendo tecida pelo significado que se dá pelos fatos narrados.

Por isso, para evitar possíveis problemas ao trabalhar com a história oral, Portelli (1997), apresenta reflexões sobre as possibilidades, pois todo pesquisador deve conhecer as normas, situando-as a ética profissional a técnica no contexto de responsabilidades, tanto no individual, civil e político. O que significa respeito com que se trabalha e zelo pelo material conseguido, é o reconhecimento de múltiplas narrativas. A individualidade, igualdade e diferença toma ênfase no reconhecimento não só da diferença como também da igualdade, sendo essa ação um ato eminentemente pessoal tendo em vista o respeito às particularidades dos narradores. Por isso, a essencialidade do historiador oral, está na arte da escuta.

As boas maneiras nesse processo constituem um belo protocolo para o trabalho de campo. Dessa maneira, a História não mais se configura em fatos que transpõe a subjetividade, mas trata da subjetividade, memória discurso e diálogo. Sendo amplamente reconhecida a importância de promover e proteger a memória e as manifestações culturais, ressaltamos a sua importância tendo em vista que tanto a cultura material como imaterial são fontes para a continuidade da história de uma nação de uma cidade.

A cultura imaterial e material estão relacionadas com os saberes, as habilidades, manifestações literárias, rituais, festas as crenças, as práticas ao modo de ser das pessoas. Também fazem desse cenário de memória os monumentos como os mercados, santuários, praças e demais espaços que representam a cultura.

O conjunto de bens imateriais, se faz pela dinamicidade da história contadas e recontadas, sendo a cidade um cenário que apresenta muitas manifestações que constituem

signos reveladores das reminiscências das histórias do lugar, e podem ser contadas para que a história se mantenha viva nas tradições e na memória das pessoas.

Todo esse contexto remete a ideia de que a cidade é repleta de referências culturais que se misturam entre a cultura material e imaterial, representam para aqueles que viveram ou ainda vivem, espaço simbólico que tem sentido e significados. Embora esses lugares para uns tenham um significado somente na memória, ao tocar na sua história os que por lá passaram terão as suas narrativas.

As memórias evocadas transmitem a recordação dos fatos que precisam ser conservados, fator de unificação dos monumentos da unidade passada, ou equivalente, porque se remeter ao passado e a confirmação da unidade do presente (LE GOFF, 1982). Harres (2006: p.133), contribui nessa discussão sobre a subjetividade no desenvolvimento da lembrança e o processo de ligação entre o sujeito e o objeto, ao dizer: “recordar liga-se a subjetividade, recordamos sob a forma de emoções, sentimentos e imagens. A memória depende de encadeamentos, eles são condições para recordar.”

Nesse aspecto, a história oral propõe registrar e, portanto, propagar impressões, vivências, lembranças dos indivíduos que intenciona a socialização de sua memória com a coletividade e dessa forma apresentar um conhecimento da experiência do vivido, diferente, dinâmico e repleto de situações que, somente desse modo conheceríamos. Fonte oral engloba uma dimensão concreta, vislumbra novas perspectivas da historiografia, o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados para desenvolver seu trabalho, o importante é cercar-se de cuidados éticos para a estruturação do estudo. Essa prática tem se apresentado bastante significativa para a historiografia contemporânea.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O intuito de estudar essa temática nos conduz a um significativo processo de reflexão, uma vez, que a tradição da história oral remete a outros olhares, que exige da historiografia a compreensão de que a história não mais deverá ser estudada de cima para baixo, mas trazer os esquecidos para o centro das discussões.

Somos sabedores, que ao buscar nesse caso em particular a história oral, prescinde de um arcabouço de orientação para que a pesquisa tenha um caráter e rigor científico e problemático, sobretudo por ser fonte o sujeito-pessoa, que tem suas subjetividades e precisa

ser respeitada sob qualquer ordem. Cabendo ao pesquisador lançar mão do conhecimento da ética no processo de estruturação do trabalho.

Nessa acepção ao desenvolver o estudo exige a compreensão dos cuidados necessários para a aquisição as narrativas pelo os sujeitos do processo histórico, seja qual for a natureza do objeto de estudo.

Nessa dialética, ressalta-se a contribuição da História oral, considerando-a como campo de salvaguarda do patrimônio sócio- histórico de um lugar, sejam os espaços, objetos, monumentos, ruas, praças, pessoas. . São lugares que instituem-se a partir de sentimento, de laços construído ao longo da vivência nesses lugares, necessário que sejam criados estruturas para a sua concretização.

Muitas são as manifestações que constituem signos reveladores das reminiscências do lugar, podem ser proporcionadas para os jovens e quem não a conhece, de tal modo que a História da cidade seja mantida viva na memória de todos.

A relação entre memória e História faz essa última reconhecer a indispensabilidade das lembranças. Assim pode se perceber a importância de explorar na História oral, aspecto do patrimônio cultural da cidade.

## REFERENCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

COUTINHO, Milson. **Caxias das aldeias altas**: subsídios para sua história. 2º ed. São Luis : prefeitura de Caxias, 2005

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral, memória, identidades. In: **História oral, memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

GARRIDO, Joan Del Alcazar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 33-54, set. 1992-ago. 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARRES, Marluza. **Trabalhando com memorações**: Memória e história da reforma agrária do banhado do Colégio: Camaquã, RS-Brasil-1962-1972.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. et. al. 3. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.



MIRANDA, Antônio Luís Alencar. A construção Histórica do espaço Urbano de Caxias. In: PESSOA, Jordânia Maria, BARBOSA, Salânia M. (Orgs). **Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das histórias de Caxias**. Teresina: EDUFPI, 2010

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**. São Paulo, n° 10, dez. 1993.

PASSERINI, Luisa. **Mitobiografia em História Oral**. Texto produzido para o Internacional Oral History Conference. Oxford, Sept, 1987.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 2, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 59-72.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**. São Paulo(15) abr, 1997.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 93-102.